

**Rita Tatiana Cardoso Erbs**



Universidade Federal de Catalão (UFCAT)  
[ritaerbs@ufcat.edu.br](mailto:ritaerbs@ufcat.edu.br)

**Adriane Erbs de Abreu**



Universidade Federal de Catalão (UFCAT)  
[adriane.erbs@gmail.com](mailto:adriane.erbs@gmail.com)

**Bruna Caroline Machado Gomes**



Universidade Federal de Catalão (UFCAT)  
[brunamachadoufg@gmail.com](mailto:brunamachadoufg@gmail.com)

Submetido em: 04/06/2022

Aceito em: 13/08/2022

Publicado em: 31/08/2022

 [10.28998/2175-6600.2022v14n35p315-327](https://doi.org/10.28998/2175-6600.2022v14n35p315-327)



Esta obra está licenciada com uma Licença [Creative Commons  
Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/)

# TODAS PUTAS: SUBJETIVIDADES DE MULHERES DA UNIVERSIDADE FEDERAL DE CATALÃO

## RESUMO

Este trabalho teve por objetivo compreender as histórias de vida das alunas participantes do movimento Todas Putas, destacando suas motivações e possíveis relações com a comunidade acadêmica. A pesquisa tem caráter qualitativo, baseando-se na abordagem da pesquisa (auto)biográfica; foram realizadas entrevistas com cinco participantes do movimento. Identificamos duas dimensões e palavras/expressões presentes nas narrativas: feminismo, emancipação e resistência; arte, família e universidade. Buscamos elaborar uma forma metodológica de análise que entrelaçasse a educação, a psicologia, a antropologia, a sociologia e a história da educação. A pesquisa possibilitou a reflexão sobre às questões políticas das mulheres e dos espaços que ainda precisam ser ocupados por elas e mantidos na nossa sociedade.

**Palavras-chave:** Feminismo. Pesquisa (auto)biográfica. Universidade

## ALL WHORES: SUBJECTIVITIES OF WOMEN OF THE FEDERAL UNIVERSITY OF CATALÃO

## ABSTRACT

This work aimed to understand the life stories of the students participating in the Toda Putas movement, highlighting their motivations and possible relationships with the academic community. The research has a qualitative character, based on the (auto)biographical approach; interviews were conducted with five participants of the movement. We identified two dimensions and words/expressions present in the narratives: feminism, emancipation and resistance; art, family and university. We sought to develop a methodological form of analysis that would intertwine education, psychology, anthropology, sociology and the history of education. The research impelled us to reflect on the political issues of women and the spaces that still need to be occupied by them and maintained in our society.

**Keywords:** Feminism. (Auto)biographical research. University.

## 1 INTRODUÇÃO

Este trabalho parte dos resultados da pesquisa *Os outros na narrativa: Uma proposta de análise para os materiais coletados nas pesquisas com histórias de vida e narrativas (auto)biográficas*, que objetiva elaborar uma proposta de análise de diferentes materiais produzidos por meio da metodologia de histórias de vida, tendo como foco inicial a análise de memoriais e de narrativas de vida e de formação, entrevistas, além de materiais como fotos, currículos, diários e textos de escritas de si.

Em outros termos, a partir de materiais produzidos nas pesquisas de Histórias de Vida e Narrativas (auto)biográficas (fontes de pesquisa), buscamos elaborar uma forma metodológica de análise que entrelace a educação, a psicologia, a antropologia, a sociologia e a história da educação. Partindo dos constructos de Abrahão (2016), ao apresentar as dimensões epistemo-empíricas, nos embasamos em autores e suas contribuições acerca do tema, rumo à análise de memoriais de vida e formação de alunos da graduação e do Ensino Médio.

Seguindo aos autores selecionados à intenção investigativa apresentada, primeiramente, frisamos os entrelaçamentos teóricos pretendidos. Portanto, como ponto de partida, temos Bertaux (2010), destacando o impacto e o alcance que as narrativas de vida podem ter na história, na sociologia, na educação e na psicologia. Bertaux (2010) propõe uma perspectiva etnossociológica, compreendendo que as experiências vividas constituem verdadeiras jazidas de saberes, devendo ser exploradas como imprescindíveis para o conhecimento sociográfico e sociológico (BERTAUX, 2010, p. 60). Ademais, tais experiências abrangem questões psicológicas e, assim, teríamos uma perspectiva etnopsicossociológica, que seria o cerne desta pesquisa.

Ampliando a perspectiva de Bertaux (2010, p. 60), não se trata de compreender o indivíduo, mas um fragmento de realidade social-histórica: “um objeto social”. De forma mais explícita, as interações sociais, culturais e psicológicas entre pesquisador e narrador, objetividades e subjetividades, indivíduos e culturas, evidente e oculto etc., mostram-se, nas diversas narrativas, questões propiciadas pela pesquisa. Deste modo,

Ao trabalhar com metodologia e fontes dessa natureza o pesquisador, antes do que descrever, intenta compreender o caso a que se dedica a estudar e esse movimento implica uma interpretação que extrapola uma leitura linear dos dados de que se dispõe, exigindo do pesquisador a construção de uma meta-narrativa (ABRAHÃO, 2006, p. 156).

Portanto, visamos a análise considerando a proposta de Abrahão (2016), chegando à compreensão cênica de Marinas (2007), ao enfatizar a possibilidade de movimento contínuo no que tange à relação e transformação do espaço/tempo, bem como do pesquisador/narrador, evidenciando a construção criativa e conjunta no momento do encontro, estabelecido, no caso, pela própria pesquisa. Para compreendermos a pesquisa de cunho (auto)biográfico e possibilitarmos a construção de uma metodologia de análise, estudamos os autores que aqui são mencionados e que, a partir de sua produção, contribuem com o objetivo desta proposta de estudo.

Em relação aos entrelaçamentos das áreas de conhecimento, resgatando a possibilidade de análise a partir de construtos da Psicologia do Desenvolvimento e da Aprendizagem, tivemos como ponto de partida os pressupostos da Psicologia Cultural, trazidos por Valsiner (2012, p. 10):

Também com a preocupação de compreender como cada pessoa, em qualquer local do mundo contemporâneo no qual possa viver, integra cultura em sua vida psicológica? Em outras palavras, como a cultura está presente no sentir, no pensar e agir?

A partir de tais referenciais foi possível avançarmos na compreensão teórica, cientes de que essa compreensão fundante inspirou a construção de um novo caminho investigativo. Por meio do contato com os memoriais dos alunos, observamos a riqueza de instigações acerca da temática, tanto na proposta de escrita de si, quanto na análise das dimensões da vida dos universitários, o que ascendeu o nosso interesse em desvelar as histórias de vida dos estudantes que integram o *Movimento Todas Putas*.

O movimento trata-se de um grupo de mulheres, estudantes da Universidade Federal de Catalão (UFCAT), que se reúnem para discutir e planejar intervenções e protestos em eventos culturais da universidade. Nesse sentido, iniciamos uma proposta de análise para a compreensão do feminino na universidade e as questões do feminismo na percepção das alunas integrantes do grupo. Esse movimento que possibilita a discussão de gênero dentro das escolas e universidades tem sido cada vez mais comum. Mota (2017) descreve o surgimento desses diversos coletivos nos contextos acadêmicos, como uma característica do feminismo contemporâneo.

Partindo do intuito traçado para a pesquisa, juntamente ao nosso interesse pelo grupo após assistirmos a algumas de suas apresentações na universidade, visualizamos o protagonismo feminino frente às questões relacionadas ao Feminismo. Nesse momento, surgiram indagações acerca do posicionamento dessas mulheres ao mobilizarem o próprio grupo, incluindo suas intenções e práticas de militância.

O estudo da narrativa das integrantes do grupo se deu a partir de entrevistas, cujo objetivo foi apreender e compreender as histórias de vida das alunas, destacando a motivação de cada uma para participar de um movimento como este. Além disso, questionamos a elas sobre as suas intenções e impactos identificados no que se refere ao desenvolvimento pessoal ao participarem do movimento em meio às experiências vivenciadas na comunidade universitária.

## 1. METODOLOGIA

A pesquisa possui caráter qualitativo e interdisciplinar, baseando-se na abordagem (auto)biográfica. Os dados levantados foram obtidos por meio de entrevistas com cinco participantes do grupo *Movimento Todas Putas*, criado por alunas da UFCAT, buscando compreender, nos diálogos, as histórias de vida das integrantes e sua relação com a motivação para participarem do movimento, observando o quanto essa participação é relevante ao desenvolvimento das estudantes em sua vida, na comunidade acadêmica.

Inicialmente, entramos em contato com uma das participantes e marcamos um encontro no local onde seria a próxima apresentação do grupo. Lá, conversamos com seis participantes que estavam presentes, explicando os objetivos e intenções da pesquisa e convidando-as para participar das entrevistas. Todas se prontificaram em participar e nos informaram que havia outras mulheres que não estavam presentes naquele dia, mas que também faziam parte do grupo. Assim, pedimos o contato das demais, totalizando cinco discentes, para enfim acordarmos as datas das entrevistas.

Foi enviado para os/as participantes o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido solicitando autorização para a gravação da pesquisa e participação no estudo. Nessa ocasião, também foram fornecidos esclarecimentos quanto ao estudo, seus objetivos, informações sobre a entrevista, entre outros assuntos, pautados nos cuidados éticos - ademais, todas as participantes autorizaram o uso dos seus primeiros nomes, mostrando a importância de sua identidade com o movimento e sendo, totalmente, contrárias à escolha de nomes fictícios para as suas identificações na pesquisa e na publicização da mesma. Ainda, a pesquisa acatou as recomendações éticas preconizadas pela Resolução 466/2012, Resolução 510/2016 e Ofício circular nº 2/2021/CONEP/SECNS/MS.

O local da atividade proposta foi a própria universidade, especificamente, em salas de aula, de forma individual. Como roteiro para a realização, utilizamos um documento distribuído em duas partes: a primeira contendo perguntas objetivas em relação à identificação pessoal, como nome, idade, estado civil, cidade natal, curso, e tempo de estadia em Catalão; Já a segunda parte possui uma questão geral, que se estende ao longo do diálogo, a saber: *Você poderia fazer um breve relato sobre a sua história de vida e a relação dela com a sua escolha em participar do grupo Todas Putas? Fatos, situações, pessoas ou vivências que possam ter influenciado nessa escolha.*

Deste modo, as entrevistadas ficaram livres para discorrer sobre a questão. Quando necessário, houve a possibilidade de perguntas adicionais, pensadas a partir da própria narrativa, com o intuito de incentivar ou direcionar o diálogo, caracterizando a entrevista semiestruturada, isto é, com questão norteadora, que não se fecha a uma resposta objetiva, haja vista que o diálogo traçado é aberto e a entrevistada é livre para expor subjetivamente o que pensa.

As entrevistas foram gravadas com a autorização das participantes e transcritas posteriormente para análise de dados. Nesse processo, como já mencionado anteriormente, as participantes autorizaram o uso do próprio nome ou apelido para a exposição dos resultados em artigo.

Após a realização das entrevistas e das transcrições, o material obtido foi analisado a partir da análise de conteúdo de Bardin (2009) e segundo a compreensão cênica de Marinas (2007). A análise de conteúdo possibilita a construção de um metatexto possibilitado pelas dimensões apresentadas pelas entrevistadas, enquanto a compreensão cênica auxilia no entendimento da produção da narrativa, a partir das interações realizadas nas entrevistas.

Nesse sentido, por meio das transcrições dos áudios foi possível retirar os pontos relevantes para uma produção de dados mais aprofundada, que identificam as entrevistadas e demonstram as principais dimensões e palavras/expressões presentes em cada narrativa. Deste modo, pretendemos nos aprofundar em cada uma dessas palavras e dimensões, tanto no campo teórico, quanto no que diz respeito ao entrelaçamento dos depoimentos, que ocorreram de maneira separada/individual. Segue o quadro:

**Quadro 1: Dados de identificação, dimensões e palavras/expressões mais utilizadas (por entrevistada)**

Entrevistadas:	Dados pessoais:	Dimensões:	Palavras/ Expressões
Nicole	21 anos Namorando Psicologia Coromandel/MG	Arte (música); Injustiças sociais; Universidade; Família; Psicologia Social; Desenvolvimento pessoal; Pesquisa.	Emancipação; machismo; Feminismo; resiliência;
Ângela	22 anos Namorando Psicologia Monte Carmelo/MG	Arte (teatro); Família; Universidade; Psicologia Social; Desenvolvimento pessoal..	Voz da mulher; machismo, Feminismo; repensar; catarse; resistência; morte simbólica.
Luami	21 anos Solteira Psicologia Goiânia/GO	Arte (música); Família; Universidade; Desenvolvimento pessoal; Pesquisa.	Empoderamento; emancipação; autonomia; reflexão; catarse; resistência; começar a existir.
Raissa	22 anos Namorando Psicologia Catalão/GO	Arte (música); Psicologia Social; Família; Orientação sexual; Desenvolvimento pessoal; Pesquisa.	Questionar; desconstrução; Afeto; movimento estudantil; autonomia; subjetividade.
Kaya	21 anos Namorando Psicologia Assis/SP	Arte (música); Universidade; Psicologia Social;	Resistência; movimento estudantil; ressignificar;

Fonte: Elaborado pelas autoras.

## 2 RESULTADOS E DISCUSSÕES

### 3.1. Feminismo, emancipação e resistência

As palavras/expressões foram retiradas das narrativas, sendo pontos em comum que caracterizam tanto as histórias de vida quanto a formação e identidade do grupo. Assim, escolhemos três dessas palavras para realizar uma breve apresentação das representações dos conceitos delas para cada participante, sendo elas: Feminismo, emancipação e resistência. Para tanto, estabelecemos um paralelo dos termos supracitados com aspectos teóricos e com a história do grupo e das mulheres que o compõem.

Sendo o Feminismo a principal ideologia que unifica e forma o grupo, foi possível identificar em todas as narrativas os aspectos que o definem enquanto conceito. Para Nicole, o Feminismo aparece pela primeira vez como um “desconforto” e “indignação” frente às injustiças sociais e de gênero que estruturam a nossa sociedade, principalmente no que se refere à configuração familiar conservadora e machista, que reduz o lugar de fala das mulheres dentro e fora de casa:

Eu sempre me indignei, por que quando meu pai estava em casa eu tinha que assistir o canal televisivo que ele quisesse? Por que eu não podia brincar das mesmas brincadeiras que os meninos? Por que se eu escolhesse azul era porque eu era lésbica? Por que, na escola, os meninos corriam e, se eu quisesse brincar de correr, isso já não era bonito? Por que eu, enquanto mulher, tinha que sentar de perna fechada? Sempre me indignei com essas questões, ‘porque mulher não pode, porque homem pode’ (NICOLE, 2018).

Esse lugar – material e imaterial – que a mulher ocupa historicamente na sociedade é muito discutido por todas as entrevistadas, uma vez que elas o consideram, principalmente através de suas próprias experiências, como “reduzido”, “inexistente” ou “limitado”. Então, enquanto a mulher existe para desempenhar funções maternas e domésticas na esfera privada, há uma estrutura cultural que impede/dificulta sua existência e prosperidade na esfera pública. Ao restringir o papel da mulher para o âmbito doméstico, há uma condição de vulnerabilidade na vida privada e pública, uma vez que, segundo Biroli (2014, p. 33) “o foco da domesticidade não corresponde à valorização de outras esferas da vida.”.

Outro aspecto comum ressaltado nas narrativas, que também se refere ao Feminismo, é a questão da sexualização da mulher e do seu corpo, além de a questão da autoestima da mulher frente aos padrões de beleza impostos pela indústria da moda. Nesse sentido, como forma de protesto e libertação das amarras sociais, há ocasiões em que todas tiram as camisetas e sutiãs ao final das performances realizadas pelo grupo. Esse ato é descrito pelas entrevistadas como “um grito de viver” e, ao mesmo tempo, uma atitude “dolorosa e emancipadora”, assim como Ângela e Luami descrevem:

Então, tirar o sutiã é meio que um grito de viver, sabe? Eu tô morrendo, mas eu ainda resisto. Porque vocês dizem que eu não posso, mas eu posso, sim, e eu vou tirar (ÂNGELA, 2018).

A gente meio que sublima toda essa dor e essa dificuldade, essa luta em ser mulher, essa questão de empoderamento na arte. E casa de uma forma muito linda e incrível! A gente acaba transformando toda essa dor em algo bem bonito, que nos traz resistência mesmo. [...] E toda vez que a gente se apresenta, é de uma maneira diferente, a gente sente coisas diferentes (LUAMI, 2018).

O corpo é protagonista na história do Feminismo, inclusive como símbolo de transgressão e de resistência feminina, conforme apontam as autoras Colling e Acom (2019). Há a necessidade de problematizar os valores que as culturas colocam sobre os corpos, designando os corpos desejáveis, aceitáveis, questionando o que exclui e sujeita alguns corpos e outros não. Durante as apresentações, o grupo busca a reivindicação desse corpo como “seu” e a necessidade de empoderá-lo. Desta maneira, críticas ao patriarcado e ao machismo guiam as apresentações:

O corpo feminino é super sexualizado, um homem sem camisa, tudo bem, mas uma mulher sem camisa é um escândalo. A gente quer questionar isso, por que que o nosso corpo tem que ser tão sexualizado? É um direito, assim como o homem tem. Às vezes, o homem tem muito mais, um peito muito mais dito feminino, do que uma mulher, e pode tá sem camisa em qualquer lugar, que não é problema! [...] A gente não tava ali pra expor o corpo estético e sim o corpo de verdade, de uma mulher! (ÂNGELA, 2018).

Essa questão de se empoderar é um discurso muito atual que você vê nas redes sociais, em todos os lugares, que às vezes aparece como muito fácil, essa questão de auto aceitação do corpo, de ter poder sobre você mesma, de não se deixar levar sobre as outras pessoas, sobre os homens (LUAMI, 2018).

O Feminismo, na conceituação do grupo, representa, portanto, um discurso emancipador e uma forma de expressão artística, de existência e resistência. Em vista disso, observamos que não há como desvincular esses discursos de emancipação da mulher ao movimento feminista. Na trajetória do grupo e nas narrativas individuais emergem aspectos relacionados à luta feminina, especialmente no que tange à busca por espaços de existência e de expressão artística e política, conforme registrado abaixo:

Eu sempre estive muito ligada às questões do Feminismo, questões de gênero, sempre tive discussões no cursinho onde eu estudava. Mas ainda não tinha tido essa experiência na prática, de uma espécie de subversão da cultura e da arte. Esse grupo com as meninas mostra as nossas fraquezas, onde a gente consegue lutar mais, onde essa ideia do patriarcado, onde ela nos afeta. A partir dessas experiências com as meninas, a gente foi descobrindo coisas que a gente não esperava que pudesse fazer, não só no sentido da música, artístico, interpretação, vozes, mas no sentido subjetivo, sobre passar o que a gente sente para outras pessoas, nessa vivência enquanto mulher (KAYA, 2018).

O grupo, que surgiu a partir de uma apresentação musical em um sarau na universidade, tornou-se um espaço de construção coletiva, de criação artística e cultural feminista em prol da transformação social, sendo também espaço de afeto e acolhimento.



Sua fundação representou, conforme relatam as entrevistadas, a possibilidade de “expressão”, de “catarse”, de “dar voz” ao que é interdito:

Então, isso de empoderar e de dizer ‘eu tenho voz, eu sou igual a você e eu posso falar também’, essa questão de falar, eu ligo com o grupo também, por que a arte é uma forma de falar, uma forma de dizer, uma forma de expressar algo (LUAMI, 2018).

O processo de criação das apresentações se dá a partir da troca de experiências e conhecimentos entre as participantes, considerando o Feminismo como um movimento que se contrapõe a uma ordem opressora de dominação masculina. As escolhas das músicas para as performances são feitas em conjunto com o grupo, como, por exemplo, a escolha da música *Geni e o Zepelim*<sup>1</sup>, de Chico Buarque (1978). Em uma das apresentações, a ideia era representar uma mulher que se desconstrói e se transforma em outras pessoas, ou seja, em outras possibilidades. Durante a construção da performance, as integrantes do movimento buscaram refletir e questionar acerca da própria criação, conforme descreveu Ângela:

Houve um questionamento, “mas será que a gente não tá impondo que toda mulher deve deixar de ser assim e ser assim?”. Levantamos a questão da evangélica, da mais religiosa: “será que a gente não está impondo que toda mulher não deve ser religiosa?” Aí a gente fechou numa conclusão, a gente vai levar várias figuras, vários estereótipos, algumas vão se transformar e outras não, porque a decisão é da pessoa, se ela quer se transformar ou não. O que a gente quer é levar a possibilidade de transformação, aí a decisão, se quer ou não se manter, é da mulher, e não de qualquer outro indivíduo. Então a gente fez isso (ÂNGELA, 2018).

Através das apresentações culturais, que objetivam a reflexão coletiva, por meio de uma manifestação artística e política, as participantes se expressam, também, como forma de resistência às amarras sociais e patriarcais. Sobre esse aspecto, as entrevistadas refletem que o grupo permite dar sustentação e coragem umas às outras, vindo como um movimento “contra essa ideia do patriarcado, do abuso, do machismo, e misoginia” (KAYA, 2018).

Ademais, coloca-se que as mulheres do movimento “Todas Putas” são engajadas politicamente e o papel do grupo, diante o movimento feminista contemporâneo, perpassa por esse engajamento. Mota (2017) aponta a existência de novos tipos de organizações feministas, no contexto atual, diversos coletivos em escolas e universidades que visam discutir as relações de gênero de forma autônoma, amadurecida, criativa, possibilitando a sua repercussão. Essas novas relações são marcadas por uma participação horizontal e lideradas por um perfil cada vez mais jovem, representada principalmente por mobilizações coletivas estudantis (secundaristas e acadêmicas).

---

<sup>1</sup> Letra disponível em: <https://www.letras.mus.br/chico-buarque/77259/>. Acesso em fevereiro de 2022.

O entrelaçamento entre essas três palavras – Feminismo, emancipação e resistência – perpassa, portanto, as narrativas de vida das entrevistadas, sendo o fio condutor e de sustentação do grupo. De diversas formas, as vidas dessas mulheres se entrecruzaram e permitiram que elas compartilhassem ideologias, angústias e indignações, estas canalizadas em um movimento artístico e político que as unem. Além disso, foram identificados aspectos coletivos específicos que contribuíram para o início dessa construção – que serão apresentados a seguir.

### 3.2. Arte, família e universidade

Pensando nas dimensões que emergiram durante as narrativas das cinco mulheres entrevistadas (até o momento de escrita deste texto), a primeira a ser apresentada é a arte, que se mostra presente em todas as histórias de vida, antes mesmo da entrada das mulheres entrevistadas no espaço acadêmico. Considerando que as intervenções políticas são realizadas pelo viés artístico, é nessa dimensão que se desvela a união entre as participantes – ao passo que o grupo se expressa através da música, teatro e discurso poético. Segundo Nicole (2018):

É um espaço muito acolhedor, pois são todas meninas, acabou se tornando um grupo de manifestação política com o viés da arte. Porque, que a gente não esperava, mas isso se tornou... porque dentro desses ensaios a gente tem conversas e nessas conversas a gente troca vivências e a gente acabou se afetando uma com a vivência da outra e também criando afeto umas pelas outras.

Há uma relação estreita entre a arte e a política, configurando um fenômeno crescente que tem sido denominado de ativismo, de acordo com os autores Sant'Anna, Marcondes e Miranda (2017). Lembramos, ainda, que a definição desse termo está em elaboração nas Ciências Sociais, todavia, já é atribuída às práticas de militância política e criativa a partir da arte. Pode-se perceber, por meio dos relatos, que a arte tem sido um meio de protesto, de manifestação e de reivindicações políticas, bem como um espaço de identificação, expressão e de reflexão para os envolvidos, como, no caso aqui estudado, as mulheres integrantes do grupo e os participantes que assistem às apresentações.

Do ponto de vista teórico, Biroli (2014) aponta que o que define um pensamento como feminista é a reflexão crítica sobre a dualidade da esfera pública e privada e suas implicações diferenciadas entre homens e mulheres. Entendemos que a figura da mulher foi historicamente (e ainda é) reduzida à fragilidade, ao doméstico, ao cuidado, visto que as participantes relatam sobre essas desigualdades a partir das suas vidas pessoais, abordando, inclusive, a perspectiva social:

Nós carregamos o peso histórico da inexistência em tudo. Quando você vai falar de família, você fala "pais", como se a mulher não existisse, de fato, em todos os ambientes, ela começou a existir tem pouco tempo, muitas ainda não existem. O Feminismo vai lutar pela existência das mulheres, é preciso que elas existam, que elas ocupem lugares, que sim, somos iguais aos homens – temos a mesma condição do homem de estar no poder também. Tudo que a gente quer é igualdade mesmo, porque isso é ridículo, não faz nenhum sentido (LUAMI, 2018).

Além disso, a família também é ressaltada e citada de diversas formas pelas entrevistadas, mostrando influências positivas e negativas – como a figura da mãe autônoma *versus* a mãe submissa, o pai machista etc. – elementos e sujeitos que interferem nas suas trajetórias de vida. Nesse ponto, os relatos tiveram singularidades, denunciando situações de abuso, de violência e conflito dentro do núcleo familiar de algumas das entrevistadas. Estas, a partir da superação, colocam esses momentos como impulsionadores da motivação para a luta por direitos, por voz e por liberdade, conforme:

É... a minha luta, assim, em questão do direito da mulher, da mulher ter voz, eu acho que tem muito a ver com a minha mãe, porque minha mãe, ela casou muito nova com o meu pai, ela tinha 16 anos. E antes, ela era uma mulher muito ativa, gostava de dançar, de sair com os amigos, gostava de estudar, e depois que ela casou, ele proibiu tudo isso, e ela aceitou, não resistiu, sabe, ela achou que aquilo era, tipo, 'mulher casada era assim e agora tem que ser assim'. E ela não existe, pra mim ela tá morta, simbolicamente, tipo, robzinho do meu pai. Então, essa questão de dar voz à mulher reflete muito o que eu queria, que ela voltasse a ter voz (ÂNGELA, 2018).

Outro ponto importante é a relação da universidade como sendo considerada um espaço de reconstruções, reflexões e resistências, que propicia a presença de movimentos sociais. Para a maior parte das mulheres do grupo, foi a partir do contato com a universidade, com professores impactantes e com espaços culturais que permitiam a presença desses movimentos, que houve um despertar para essas questões e o incentivo para a criação do *Movimento Todas Putas*.

(...) dentro desses ensaios a gente tem conversas e nessas conversas a gente troca vivências e a gente acabou se afetando uma com a vivência da outra e também criando afeto umas pelas outras. Quando a gente conta, tem a identificação, outras meninas querem participar, querem compartilhar o que elas vivem, quais são as dificuldades que elas vivem dentro da academia e fora da academia, nos relacionamentos afetivos, amorosos, nos relacionamentos com os pais, com os familiares... (RAÍSSA, 2018).

A arte, a família e a universidade são dimensões muito importantes na vida das entrevistadas, sendo esses vínculos coletivos essenciais ao desenvolvimento de cada uma, com proporções e medidas diferentes. Nesse sentido, é de grande importância compreendermos que a luta para criar um espaço de escuta, visibilidade e interlocuções entre diversas mulheres, no ambiente acadêmico, contribui, de modo significativo, para a promoção de saúde, igualdade de gênero e empoderamento feminino.

### 3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo da leitura das transcrições das entrevistas e das dimensões observadas em cada narrativa, fica evidente a inter-relação das trajetórias de vida das mulheres participantes da pesquisa com a mobilização para atuarem na luta pelos direitos femininos. Cada história, de maneira diversa, acaba por direcionar e tornar presente a necessidade do Feminismo como um modo de compreensão e desenvolvimento pessoal, bem como uma forma de expressão que objetiva causar impacto, emancipação e questionamentos na comunidade acadêmica.

Por meio das entrevistas foi possível identificar a existência de pessoas significativas, que influenciaram e continuam influenciando no que tange ao propósito das entrevistadas. Logo, percebemos influências familiares e de pessoas de algum renome, em outros termos, homens e mulheres escritores, cantores, teóricos, artistas plásticos etc., além de professores da universidade. A partir dos relatos, fomos instigadas, enquanto pesquisadoras, a seguirmos com pesquisas e estudos sobre o tema, expandindo o nosso conhecimento e, acima de tudo, divulgando-o para além da comunidade acadêmica.

A pesquisa, as entrevistas e os resultados nos impulsionaram a refletir, repensar e agir em relação às questões políticas das mulheres e dos espaços que ainda precisam ser ocupados por elas e mantidos na nossa sociedade. Em suma, este estudo nos sensibilizou e visibilizou as histórias de mulheres que, no meio acadêmico, lutam e prezam pela equidade de gênero, em prol de garantir um espaço para a manifestação da arte, das histórias de vida e da construção coletiva de uma realidade humana, sensível e acolhedora da diversidade da vida.

### REFERÊNCIAS

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. As narrativas de si ressignificadas pelo emprego do método autobiográfico. In: SOUZA, Elizeu Clementino; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. (orgs). **Tempos, narrativas e ficções: a invenção de si**. Porto Alegre: Edipucrs, 2006, p. 149-170.

ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto. Intencionalidade, reflexividade, experiência e identidade em pesquisa (auto) biográfica: dimensões epistemo-empíricas em narrativas de formação. In: BRAGANÇA, Inês Ferreira de Souza; ABRAHÃO, Maria Helena Menna Barreto; FERREIRA, Márcia Santos (org.). **Perspectivas epistemo-metodológicas da pesquisa (auto)biográfica**. Curitiba: CRV, 2016, p. 29-50.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2009.

BERTAUX, Daniel. **Narrativas de Vida: a pesquisa e seus métodos**. São Paulo: Editora Paulus, 2010.

BIROLI, Flávia. Justiça e família. In: MIGUEL, Luís Felipe; BIROLI, Flávia. **Feminismo e política: uma introdução**. São Paulo: Editora Boitempo, 2014, p. 47-61.

COLLING, Ana Maria; ACOM, Ana Carolina. Corpo feminino, corpo político: de fustigado à devorador do instituído. **Revista Práxis**, vol. 2, n.1, 128-147p, mai/ago, 2019.

JOSSO, Marie-Christine. **Experiências de Vida e Formação**. Lisboa: Educa, 2002.

MARINAS, José Miguel. **La escucha en la historia oral: palabra dada**. Madrid: Editorial Sintesis, 2007.

Mota, K. R. S. (2017). Feminismo contemporâneo: como ativistas de São Paulo compreendem uma terceira onda do movimento no país. **Revista Extraprensa**, 11(1), 108-127. <https://doi.org/10.11606/extraprensa2017.139729>

SANT'ANNA, Sabrina Marques Parracho; MARCONDES, Guilherme; MIRANDA, Ana Carolina Freire Accorsi. Arte e política: a consolidação da arte como agente na esfera pública. **Sociol. Antropol.**, vol. 7, n. 3, 2017.

Valsiner, Jaan. **Fundamentos de psicologia cultural: mundos da mente, mundos da vida**. Tradução de A.C Bastos. Porto Alegre: Artmed, 2012.